

O OLHAR E A  
DISTÂNCIA DA PORTA:  
PALAVRAS  
ZAPATISTAS DÃO OS  
PRIMEIROS PASSOS ÀS  
TERRAS INSUBMISSAS



V SICCAL

[ GT2 - TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS ]

**Juliana Esquenazi Muniz**

*Escola de Comunicação e Artes (ECA, USP), São Paulo, SP*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Entre 2020 e 2021, durante a pandemia do Coronavírus, o Exército Zapatista por Libertação Nacional (EZLN) lança uma série de comunicados no blog Enlace Zapatista sobre a Gira, projeto de volta ao mundo em distintos continentes a começar por Slumil K'ajxemk'Op (termo no idioma tzotzil que significa terra insubmissa, forma como o EZLN passou a chamar a Europa). Tendo como eixo central a análise do comunicado "O olhar e a distância da porta", publicado em outu-bro de 2020, este artigo procura refletir sobre como o imaginário zapatista expresso no texto atua no que o movimento chama de sua 'guerra contra o esquecimento' e como os exercícios de pre-figuração propostos no comunicado estão a favor de um gesto que busca ampliar a resistência anticapitalista, operando contra a colonialidade. Gostaria de sugerir que, se epístolas já foram instrumentos para tentar justificar processos como a colonização europeia, o comunicado zapa-tista oferece em um momento tão crítico a nível global um movimento oposto, que extrapola fronteiras em nome da luta por 'um mundo onde caibam todos os mundos'.

**Palavras-chave:** EZLN. Gira Zapatista. Comunicados. Terras insubmissas.

Between 2020 and 2021, during the Coronavirus pandemic, the Zapatista Army for National Lib-eration (EZLN) launches a series of announcements on the Enlace Zapatista blog about the Gira, a round-the-world project on different continents starting with Slumil K'ajxemk'Op (term in the Tzotzil language that means unsubmitive land, how EZLN starts to call Europe). Having as its central axis the analysis of the communication "The Gaze and the Distance to the Door", pub-lished in october 2020, this article seeks to reflect on how the Zapatista imaginary expressed in the text acts in what the movement calls its 'war against oblivion' and how the exercises of pre-figuration proposed in the communication are in favor of a gesture that seeks to expand anti-capitalist resistance, operating against coloniality. I would like to suggest that, if epistles were once instruments to try to justify processes such as the European colonization, the Zapatista communication offers, at such a critical moment at the global level, an opposing movement, which goes beyond borders in the name of the struggle for 'a world where many worlds fit'.

**Keywords:** EZLN. Gira Zapatista. Communications. Unsubmitive land.

Entre 2020 y 2021, durante la pandemia del Coronavirus, el Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) lanza una serie de anuncios en el blog Enlace Zapatista sobre la Gira, un proy-ecto de vuelta al mundo en diferentes continentes que comienza con Slumil K'ajxemk'Op (término en la lengua tzotzil que significa tierra insumisa,

como el EZLN empieza a llamar a Europa). Ten-iendo como eje central el análisis del comunicado “La mirada y la distancia a la puerta”, publica-do en octubre de 2020, este artículo busca reflexionar sobre cómo el imaginario zapatista ex-presado en el texto actua en lo que el movimiento llama su ‘guerra contra el olvido’ y cómo los ejercicios de prefiguración propuestos en el comunicado están a favor de un gesto que busca expandir la resistencia anticapitalista, operando contra la colonialidad. Quisiera sugerir que, si las epístolas alguna vez fueron instrumentos para tratar de justificar procesos como la colonización europea, el comunicado zapatista ofrece, en un momento tan crítico a nivel mundial, un mo- vimiento de oposición, que traspasa fronteras en nombre de la lucha por ‘un mundo donde que-pan muchos mundos’.

**Palabras clave:** EZLN. Gira Zapatista. Comunicados. Tierras insumisas.

## Introdução

---

A mitologia grega nos conta sobre a Hidra de Lerna, um venenoso monstro habitante de um pântano que com seu corpo de dragão e suas várias cabeças, matava os homens apenas com seu hálito e o rastro que deixava, provocando uma morte terrivelmente atormentada. A Hidra tinha um poder de regenerar-se quase de imediato quando atacada, o que fazia de sua morte um evento quase inacreditável. Caberia a Hércules seu total aniquilamento, numa espécie de missão mas também sua única opção de sobrevivência, visto que a o monstro fora criado para matá-lo<sup>1</sup>. É através da 'Teoria da Hidra' que **os, as e oas** zapatistas explicam sua relação com o sistema capitalista. Uma tormenta plantada, fruto dos processos de colonização durante séculos de exploração dos povos originários e que atualmente é mantida, não apenas pelo governo mexicano, mas em todos os cinco continentes. Uma missão sobre vivência é dada: lutar contra a Hidra capitalista, um sistema 'monstruoso e cruel' cuja intenção é fraturar a comunidade e cometer um 'pláneticídio' (ABCig, 2019, p. 18). Missão esta universalmente compartilhada no dia 1o de janeiro de 1994, quando surge a público o Exército Zapatista por Libertação Nacional (EZLN).

Frente a Hidra, tomar a missão de ser Hércules não bastaria para os zapatistas, trazendo apenas para si o desafio de lutarem contra um sistema que afinal, age a nível global. Compreendem que não podem

sozinhos, por isso somam ao seu movimento há mais de 25 anos "*Un montón de parientes y amigos en todo el mundo. Juntos estos diversos movimientos podrán derrotarla*" (ABCig, 2019, p12). Seja na forma de seus comunicados publicados, eventos, entre outras atividades propostas, pautando principalmente o direto à autonomia política, o EZLN prioriza o compartilhamento como forma de criação de vínculo, fortalecimento e coletivização de sua luta que, concentrada na isolada Selva de Lacandona da região de Chiapas no sul do México, não se finda em seu território espacial, muito pelo contrário.

Uma das formas mais evidentes do compartilhamento dos ideais zapatistas desde a década de 90 até os dias de hoje foi o pioneiro uso político da internet para publicação de seus manifestos e comunicados, que repletos de poesia se opõem ao neoliberalismo, e reivindicam liberdade e justiça. Graças ao apoio de ativistas simpatizantes ao EZLN, os textos são traduzidos em diversos idiomas e organizados no **blog** Enlace Zapatista<sup>2</sup>. Vale a reflexão que o comunicado na história zapatista não é apenas uma forma de espalhar suas visões e críticas, mas definitivamente de não se deixar morrer a morte do esquecimento, do silenciamento da palavra (EZLN, 1997). A luta contra a Hidra encontra na palavra uma ferramenta irreverente de se fazer presente no mundo contemporâneo e firmar sua **guerra contra el olvido**, sua guerra contra um pantanoso esquecimento. Pela palavra munida da experiência real,

---

<sup>1</sup> Fonte: El ABCig de la organización de los pueblos. Publicação independente e coletiva. Ediciones del Espejo Somos. México, 2019.

---

<sup>2</sup> O blog, criado em 2005, reúne um arquivo de textos e comunicados do EZLN que datam desde 1993 até o momento presente da escrita deste artigo. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>> Acesso em outubro de 2021.

os zapatistas fomentam sua luta por ‘um mundo onde caibam todos os mundos’.

A pandemia do Coronavírus nos primeiros meses de 2020 manteve grande parte da população mundial em estado de maior imobilidade espacial. Se por um lado o fechamento de fronteiras em diversos lugares visava proteger populações, por outro salientava mais as desigualdades frutos do sistema capitalista e seu processo de globalização. Em março de 2020 os zapatistas comunicam o fechamento dos centros administrativos, políticos e culturais de suas zonas autônomas, chamados Caracóis. Frente o momento de maior confinamento, a palavra se firma como o meio de mostrar que a resistência zapatista está viva - e mais mobilizada que nunca. Através de diversos textos publicados entre 2020 e 2021 os zapatistas constróem o início de seu plano de viajar por todos os continentes do mundo, à começar intencionalmente pelo europeu. A chamada Gira Zapatista tem como objetivo denunciar os males causados pelo capitalismo, incluindo a violência contra as mulheres, o genocídio contra os povos originários, o racismo, o militarismo e a exploração, espoliação e destruição da natureza.

**“De México no voy a hablar porque el capitalismo está en el mundo. Queremos saber cómo están los otros mundos”** disse o Subcomandante Moisés, integrante do EZLN, em sua declaração<sup>3</sup> para a

imprensa no evento da saída do barco La Montaña, que levou o Esquadrão 421 formado por quatro mulheres, dois homens e uma pessoa não-binária a concretizarem a Gira Zapatista. Em junho de 2021, após 47 dias de viagem em alto mar desembarcaram no continente de **Slumil K’ajxemk’Op** - termo da língua **tzotzil** que significa “Terra Insubmissa”, forma como o EZLN passou a chamar o continente europeu.

Contudo, no lugar de descrever uma viagem que segue em curso, a proposta deste trabalho é, através da análise do texto “O olhar e a distância da porta”<sup>4</sup> publicado em outubro de 2020, perceber como os comunicados poéticos e provocativos zapatistas são capazes de concretizar seu imaginário, percebendo na palavra uma importante ferramenta de subversão social. É dada uma oportunidade de atualizarmos e compreendermos o momento atual do movimento que expande territorialidades não para um processo de conquista e exploração, mas sim operando contra a colonialidade e acreditando na construção de vínculos como fundamental para a realização de uma possibilidade de mundo muito outra. O pântano infecundo promovido pela Hidra está em disputa, e há quem lute para que seja um mar navegável não para o aniquilamento, como nos mostraram as empresas da colonização, mas rumo ao coletivo.

---

3 Informação disponível em: <<https://elpais.com/mexico/2021-05-02/los-zapatistas-comienzan-su-gira-internacional-y-zarpan-desde-isla-mujeres-rumbo-a-europa.html>> Acesso em janeiro de 2022.

---

4 Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/quinta-parte-la-mirada-y-la-distancia-a-la-puerta/>> Acesso em outubro de 2021.

## Ocupar territórios e povoar imaginário: uma relação de guerra e palavra

---

Em 1994 o México vivenciava sua forte guinada ao neoliberalismo materializada na assinatura do NAFTA<sup>5</sup>, no dia 1 de janeiro. Neste mesmo dia, não coincidentemente, veio a público depois de mais de uma década organizando-se na clandestinidade o EZLN. Em seus primeiros dias a guerrilha, que representava o encontro de etnias indígenas maias<sup>6</sup> com um grupo guerrilheiro de ideário marxista-leninista na Selva de Lacandona, foi um incômodo pesadelo para o governo mexicano, ao prometerem seu avanço militar que inicialmente já tomava a prefeitura de sete cidades<sup>7</sup> do estado de Chiapas.

A pedidos da sociedade civil 12 dias após de seu levantamento, o EZLN abandona a luta armada. Neste momento, o que firmavam na prática era a subordinação de seu militarismo à ação política junto de suas comunidades, da sociedade civil e não do Estado. O levante do EZLN ficou conhecido como uma surpreendente resposta e alternativa ao supostamente inquestionável capitalismo e passou a influenciar nacional e internacionalmente (Poma e Gravante, 2019). Um caráter sui generis de guerrilha, tão longe das formas e discursos propostos

pelos movimentos marxistas tradicionais, que não buscava retornar dualidade da Guerra Fria, e muito menos a tomada de poder. Tratava-se de “uma coisa muito outra” que ressoava. Com o passar do tempo a vontade de atrapalhar a descansada noite do sono capitalista de forma bélica se converteu no desejo de exercer o próprio sonho de autonomia política.

O fim de uma fase militar rápida abre espaço então para o uso da comunicação como ferramenta irreverente e criativa, que através do utilização da internet, seguia conquistando espaços na mídia, priorizando o lugar dialógico do movimento com suas bases de apoio e sociedade civil e também desmentindo os esforços de grande parte dos meios de comunicação mexicanos de diminuir as causas do movimento. Os comunicados zapatistas tornam-se célebres pela sagacidade no uso da poesia, do senso de humor e estilo literário, distinguindo-se dos textos políticos típicos - rígidos e racionais. Segundo Guilherme Figueiredo (2006) apenas nos primeiros sete meses de 1994 foram 107 textos, cerca de um texto a cada dois dias, o que revela um grande esforço do EZLN em expandir-se para o mundo, mediando sempre as várias línguas e visões internas ao movimento.

*Por trabalhar nos matam, por viver nos matam. Não há lugar para nós no mundo do poder. Por lutar nos matarão, mas assim faremos um mundo onde caibamos todos e todos vivamos sem morte na palavra. Nos querem tirar a terra para que já não tenha solo nosso. Nos querem tirar a história para que no esquecimento morra nossa palavra. Não nos querem índios, mortos nos querem (...) Lutamos para falar contra o esquecimento, contra a*

---

5 Tratado Norte-Americano de Livre Comércio entre México, Estados Unidos e Canadá.

6 As principais etnias indígenas que compõem os integrantes do EZLN são tzeltal, tzotzil, chol, tojolabal, mam e zoque.

7 As cidades tomadas foram San Cristóbal de Las Casas, Altamirano, Las Margaritas, Ocosingo, Oxchuc, Huixtán e Chanal.

morte, pela memória e pela vida. Lutamos pelo medo de morrer a morte do esquecimento. (EZLN, 1997 apud Figueiredo, 2006).

Lutar pelo medo de morrer a morte do esquecimento. De fato, a palavra foi de grande valia para alertar e tornar a situação de Chiapas, estado muito isolado e marginalizado no que diz respeito a distribuição de riquezas do México (Alkmin, 2014) em uma preocupação de todos. A vivência do imaginário através da palavra abria portas para outras dimensões da guerra contra o esquecimento, de ordem prática. Aposta-se aqui que o sentido de *guerra* pode ser compreendido não como algo destrutivo típico da ideia bélica de domínio, mas sim como exercício da capacidade de implicação coletiva (Luiz Rufino, 2019). Por sua vez *esquecimento* significa neste contexto o contrário de vida. Neste sentido, a guerra contra o esquecimento se dá pelos gestos de insubordinação e desobediência à lógica capitalista, que visa estreitar, reduzir e tornar inviáveis as territorialidades ‘outras’.

Dessa forma, não colocando o discurso acima da experiência da autonomia, o movimento zapatista é “feito de atrevimentos carregados de imaginação e realidade”, como comenta o escritor mexicano Juan Villoro (2021). Por mais de 20 anos os zapatistas ocupam seus territórios de maneira coletiva, que viabilizaram sistemas próprios de educação, saúde e trabalho. Um desenho de movimento ‘muito outro’ é vivenciado na prática pelos zapatistas em seu arquipélago de territórios autônomos. Seja para compartilhar algum novo passo, realizar denúncias ou para promover trocas entre apoiadores, o EZLN publica seus textos e documentos escritos como

forma de afirmar sua existência. Percebo que a prática escrita funciona como um posicionamento zapatista no conflito que Aníbal Quijano (2015) reflete ser o mais central de nosso tempo: um conflito em uma camada profunda da existência que disputa sobre como e o que é produzir memória, imaginação e conhecimento. Atualmente o EZLN organiza seus textos através do *blog* Enlace Zapatista criado em 2005<sup>8</sup> que reúne um arquivo desde 1993 do movimento. O *blog* se divide em três sessões: *Comunicados das Juntas de Bom Governo*<sup>9</sup> (JBG); a sessão *Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral del EZLN*<sup>10</sup> (CCRI - CG), e a sessão *Abajo y a la izquierda - Palabras del CNI y pueblos originarios* cujos textos são assinados pelo Congresso Nacional Indígena (CNI) criado em 1996 e que propõe uma troca mais ampla e direta entre as populações indígenas de todo o México.

Em outubro de 2020 foi iniciada no blog uma série de publicações na sessão CCRI- CG divididas em seis comunicados assinados pelo Subcomandante Galeano<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Enlace Zapatista está disponível em: < <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>> Antes de 2005, os comunicados eram organizados em um outro endereço virtual, o <http://www.ezln.org/>.

<sup>9</sup> As JBG representam os territórios autônomos zapatistas.

<sup>10</sup> CCRI-CG é cúpula organizativa e emissores institucionais do grupo armado, na qual assinam os Subcomandantes.

<sup>11</sup> Em 2015 o Subcomandante Marcos, importante figura no zapatismo, sofre sua morte simbólica, por poder representar uma centralização pouco bem vinda para o EZLN. Anos depois o Subcomandante Galeano surge então não como renascimento do SupMarcos, mas como reconfiguração deste papel. Seu nome é uma homenagem ao companheiro zapatista José Luis Solís, conhecido como Galeano, assassinado em maio de 2014 no Caracol *La Realidad*.

e endereçados *“Ao Congresso Nacional Indígena e o Conselho Indígena de Governo; à Sexta Nacional e Internacional; às redes de resistência e rebeldia; às pessoas honestas que resistem em todos os cantos do planeta; irmãs, irmãos e imãoas; companheiras, companheiros e companheiroas”*<sup>12</sup>. Nos debruçaremos a seguir sobre a segunda delas, publicada no dia 9 de outubro chamada “Quinta parte: La mirada y la distancia a la puerta”. É relevante comentar que antes da publicação da primeira parte dos comunicados também em outubro, o EZLN só havia postado no dia 16 de março sobre o fechamento dos Caracóis devido o contexto pandêmico. Entre o período, nenhum outro comunicado oficial foi postado.

## O caminho do olhar

Suponhamos que seja possível escolher, por exemplo, o olhar. Vamos supor que você possa se libertar, mesmo por um momento, da tirania das redes sociais que impõem não apenas o que você vê e o que você fala, mas também como você deve ver ou falar. Então, vamos supor que você olhe para cima. Mais acima: de imediato ao local, ao regional, ao nacional e ao global. Você vê? Certo, um caos, uma bagunça, uma desordem. Então vamos supor que você é um ser humano; enfim, que você não é um aplicativo que, rapidamente, olha, classifica, hierarquiza, julga e sanciona. Então

you choose what to look... and how to look. Poderia ser, é uma suposição, que olhar e julgar não são a mesma coisa. Assim, você não apenas escolhe, mas também decide. Mudar a pergunta de *«isso é errado ou certo?»* para *«o que é isso?»*. Claro, a primeira questão leva a um saboroso debate (ainda há debates?). E dali para o *«Isso é errado – ou certo – porque eu estou dizendo»*. Ou, talvez, haja uma discussão sobre o que é certo e errado, e daí para discussões e notas de rodapé. Certo, você tem razão, isso é melhor do que recorrer a «likes» e «mãozinhas para cima», mas propus mudar o ponto de partida: escolher o destino do seu olhar. (EZLN, 2020).

Definido como ponto de partida do texto (que fora traduzido em português por apoiadores anônimos), escolher o destino do olhar envolve antes de mais nada desprender-se da rotina manipuladora das redes sociais e da automatização das relações. Envolve sobretudo uma subjetividade que não se firma através da classificação e do julgamento, processo tão sistematizado através dos mecanismos virtuais de aplicativos que mediam o cotidiano de milhões de pessoas no planeta. Vale sublinhar que o convite inicialmente feito é sobretudo para que o leitor recobre o vínculo consigo mesmo enquanto ser que possui autonomia suficiente para escolher o destino do próprio olhar.

A partir deste momento, o texto convida que o olhar se volte para os muçulmanos. Como lembrando o poder dos processos de estigmatização midiática em nosso imaginário, o no texto presume-se que o leitor possa escolher lembrar daqueles que perpetraram os ataques ao jornal Charlie Hebdo em 2017, (associando a figura do

<sup>12</sup> Disponível em: < <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/06/sexta-parte-uma-montanha-em-alto-mar/> > Acesso em novembro de 2021.



muçulmano ao terrorismo) ou aqueles que estão atualmente marchando por estradas na França para reivindicar seus direitos, os chamados *sans papier* - imigrantes em situação ilegal. Evitando cair no olhar discriminatório, o texto se volta para os *sans papier* e propõe que observemos sua situação. Entre perguntar se a mesma é certa ou errada, deve-se perguntar qual é a situação, abstendo-se do julgamento. Neste sentido, é possível perceber uma natureza anti-colonial de interação com a alteridade. Aníbal Quijano (2015) lembra que mais de 500 anos antes o exercício descritivo das cartas elaboradas pelos europeus sobre as civilizações encontradas nos territórios que chamaram de América Latina não incluía a pergunta “quem são, o que fazem ser tão diferentes?”. A pergunta feita era “O *que* são? São humanos ou não são humanos?”. Atribuía-se a dúvida sobretudo acerca de sua humanidade, que fora desconsiderada graças a ideologia do racismo e do etnocentrismo europeu. O processo de conquista fora fundado sob a construção de relações sociais baseadas na ideologia que as pessoas são desiguais pela sua natureza biológica, traduzida pela ideia de raça.

Seguindo no texto, ao observarem as marchas dos imigrantes a questão inicialmente levantada da identidade religiosa muçulmana é substituída por outras questões, como a quantidade das pessoas presentes nessas marchas e os motivos pelos quais reúnem-se, pelo que estão lutando. A pergunta recai para saber o porquê saíram de suas terras e decidiram ir para outros lugares de diferentes línguas, culturas, leis e modos. Então a guerra aparece como motivo. O texto constrói a necessidade de simular outras perguntas, como “Guerra onde, e por quê?” E frente

a um sobrecarregamento de explicações sobre crenças religiosas, disputas territoriais, pilhagens de recursos ou simplesmente, a estupidez, o texto vai além: quem se beneficia com este processo de destruição, despovoamento, reconstrução e repovoamento? Chegam como resposta as corporações, que, presentes em vários países, fabricam não apenas armas como uma série de produtos que permeiam a vida cotidiana em diversos níveis de proximidade. Tudo isso permitiria concluir que é responsabilidade da humanidade inteira as guerras que acontecem nestes territórios e a situação vivenciada pelos *sans papiers*.

Contudo, é também a humanidade responsável pelas marchas e acampamentos de migrantes, pela resistência. A conclusão chegada portanto é que provavelmente seja todo um sistema o responsável pela produção e reprodução da dor, e não simplesmente a humanidade. A partir daí o texto propõe que de ‘milhares de migrantes presentes nas marchas’ olhemos uma mulher com um bebê no colo. E fazem ao leitor a seguinte pergunta: “Você se importa que seja apenas uma mulher carregando um bebê? Agora esqueça a mulher por um momento e concentre sua atenção somente na criança. Importa se é um menino ou uma menina ou *outra*? Sua cor de pele? Talvez você descubra, agora, que é sua vida que importa.” (EZLN, 2020). Fazendo o deslocamento da massa para o/a sujeito/a, concentram-se no fato que independente de todas as questões que insistem em justificar como diferenças - as crenças, hábitos, modos, entre outros é justamente pelo comum, pela vida, que resistem.

Suponha que essa mulher fale com você e você tenha o privilégio de entender o que ela diz. Você acha que ela vai exigir que você lhe peça desculpas por causa da cor da sua pele, sua crença religiosa ou não, sua nacionalidade, seus antepassados, sua língua, seu gênero, seus modos? Você espera que ela lhe perdoe e que você volte à sua vida com essa conta paga? Ou que ela não lhe perdoe e você se diga **«bem, pelo menos eu tentei e lamento sinceramente por quem sou»**? Ou você tem medo de que ela não fale com você, que ela apenas lhe olhe silenciosamente, e você sinta aquele olhar perguntando **«E você, o que quer»**? Se você chegar a este raciocínio-sentimento-angústia-desespero, então, sinto muito, você não tem cura: **você é um ser humano.** (EZLN, 2020).

A inevitabilidade do encontro com o 'outro' nesta cena implica que é preciso ir de encontro a responsabilidade na relação de alteridade afim de recuperar o significado de ser humano. Isto pode ser simplório, mas muito significativo se considerarmos que **humanidade** foi um conceito que se forjou universalizante mas nunca foi universal. Não abraçou a todos consigo. Carregou através de seu pilar cartesiano a ideia da humanização pela razão, que além de dualista, desvalorizava percepções corporais e sensações como fonte de conhecimento. Dessa forma, o paradigma produzido pela razão de Renè Descartes<sup>13</sup> inaugura uma tradição de pensamento que se imagina produzindo um conhecimento de validade universal<sup>14</sup> a partir de si e da desconsideração do

diferente. Enrique Dussel (1994) nos lembra que a subjetividade do homem europeu expressa no **ego cogito** só foi possível dado o passado de 150 anos domínio, exploração, escravização e desumanização praticada pelo **ego conquiro** contra os diversos povos indígenas e africanos. O caminho para a existência plena da racionalidade europeia se sustenta no silenciamento e extermínio no caminho da conquista: "O 'Penso, logo existo' não esconde somente que os "outros não pensam", mas que os "outros não existem" ou não têm suficiente resistência ontológica, como menciona Fanon em **Peles negras, máscaras brancas.**"<sup>15</sup>

Investindo nos exercícios de prefiguração, deslocando o leitor para as situações apresentadas, o texto propõe que o mesmo olhar direcionado aos muçulmanos seja exercitado na Ilha de Lesbos, no Rochedo de Gibraltar, no Canal da Mancha... Também na Palestina, no Curdistão, entre outros. Identificam que nestes lugares há a luta pela vida que está inseparavelmente ligada a terra, a língua, a cultura e a história. 'E que é isso que o CNI (Congresso Nacional Indígena) ensinou que significa **território**', o texto lembra: a terra que carrega consigo a relação com a vida, para muito além do espaço geográfico. Por sua vez o sentido de comunidade, tanto para o CNI como para os zapatistas, é algo que se constrói dentro do território, no presente, mas pensando no amanhã.

Lembrando Samir Flores, militante assassinato em 2019 por lutar contra um projeto de hidroelétrica no território de

13 DESCARTES, René. Discurso sobre o método (1637).

14 (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018).

15 (Maldonado-Torres, 2007 *apud* Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018, p.12).

Amilcingo (México), o que esperam em sua luta, não é que o responsáveis pelos assassinatos, ou pelos mega-projetos de usinas, pelos fechamentos de fronteiras, pelos massacres aos povos originários, peçam perdão, e assim continuem seus projetos. “Querem que acreditemos que a responsabilidade por estes crimes globais é de nações, línguas, religiões, da resistência ao suposto progresso, das histórias, dos modos[...] Que tudo está sintetizado em um indivíduo ou indivíduo (EZLN, 2020)”. Contudo, justamente o perdão é desinteressante por afastar-se do plano estrutural e concentrar no plano individual crimes que são globais, sistemáticos e contínuos.

Não à toa é feita a referência da ideia de perdão no texto zapatista. Também em 2019, o presidente mexicano Manuel Lopez Obrador enviou cartas ao rei Felipe VI da Espanha e ao Papa Francisco exigindo que o Estado espanhol e o Vaticano pedissem perdão pelos crimes cometidos contra povos indígenas do país durante a conquista espanhola das Américas<sup>16</sup>. O pedido foi negado e considerado uma afronta pelo Estado Espanhol. O EZLN, que poderia enxergar a atitude de Obrador como simbólica para o avanço nas demandas das comunidades indígenas, na verdade considera não só insuficiente como talvez, cínica a atitude do Presidente, pois seu governo segue reproduzindo modelo de desenvolvimento pautado na modernidade capitalista, perpetuando o padrão colonial de poder. A exemplo disto está a obra do (erroneamente chamado, para o EZLN) Trem Maya, megaprojeto

turístico iniciado em 2019 através da construção de uma linha férrea que pretende percorrer “os resquícios das civilizações antigas maias”. Os mais 1.500km de linha implicam não apenas na romantização nostálgica que estaciona os povos originários num lugar de passado, como na remoção territorial de **pueblos** vivos, presentes e que seguem resistindo nestes séculos de história do México. Tudo em nome do forte impulso a economia nacional, com endossamento e investimento do governo de Obrador.

Então outra pergunta é feita, e do caminho do olhar passamos para o caminho do corpo, do atravessamento de territórios e das práticas encruzilhadas.

*Se fosse possível ir a todos esses cantos deste planeta moribundo, o que você faria? Bem, nós não sabemos. Mas nós, Zapatistas, iríamos e aprenderíamos. Claro, para dançar também, mas uma coisa não exclui a outra, eu acho. Se houvesse essa oportunidade, estaríamos dispost@s a arriscar tudo, tudo. Não apenas nossa vida individual, mas também nossa vida coletiva. E se essa possibilidade não existisse, nós lutaríamos para criá-la. Para construí-lo, como se fosse um navio. Sim, eu sei, é uma loucura. Algo impensável. Quem pensaria que o destino daqueles que resistem à usina termoelétrica, em um pequeníssimo canto do México, poderia interessar à Palestina, aos mapuches, aos bascos, aos imigrantes, aos afro-americanos, aos jovens ambientalistas suecos, aos guerreiros curdos, às mulheres que lutam em outra parte do planeta, ao Japão, à China, às coreanas, à Oceania, à mãe África? (EZLN, 2020).*

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.gob.mx/presidencia/documentos/carta-del-presidente-andres-manuel-lopez-obrador-a-felipe-vi-rey-de-espana>> Acesso em outubro de 2021.

A modernidade capitalista construída através da inferiorização e marginalização do diferente apontaria a impossibilidade da proposta zapatista. Como indígenas do sul do México, autônomos, sem recursos financeiros, poderiam sequer sonhar em viajar o mundo? Não seria este o lugar do subalterno. Não é este o lugar da obediência. Eduardo Viveiros de Castro (2002) ao analisar correspondências nos princípios da colonização no Brasil sobre a relação dos europeus com o povo Tupinambá, observa o quanto ser “selvagem” para os europeus significava uma inaptidão. Para o autor o que fora considerado incapacidade pelo europeu pode ser chamado justamente de uma natureza insubmissão dos povos originários: “Aqui está: os selvagens não creem em nada porque não adoram nada. E não adoram nada, no fim das contas, porque obedecem a ninguém. [...] Sua inconstância decorria, portanto, da ausência de sujeição.” (Castro, 2002, p143).

Em entrevista dada em 2018<sup>17</sup>, Jaques Rancière comenta que a subversão social começa quando ‘as pessoas se declaram capazes de fazer aquilo que não são consideradas capazes de fazer’, e que é a imaginação facultada necessária para encontrar novas organizações políticas. Imaginando a chegada na Europa, o texto zapatista simula de forma irônica um processo de colonização contrária: atacar símbolos da civilização europeia, o Parthenon, os grandes museus, e ao invés

de pinturas e esculturas, encher de bordados zapatistas e de seus *pasamontañas*<sup>18</sup>. Impor o consumo de milho, de cacau e *yerba mora*, de trocar os refrigerantes por vinho e cerveja, entre outras fantasias que reproduziriam a sobreposição cultural da invasão europeia. Contudo, o exercício não se finda na ideia da vingança. Caminhando no sentido oposto da ontologia do *ego conquiro*, da mobilização pela guerra no sentido da conquista, o compromisso zapatista é outro.

Por justamente não carregarem em sua culturas visões binárias como a de sujeito-objeto, importadas pela relações coloniais de poder eurocentrado e atualizadas pelo neoliberalismo, a proposta de modernidade indígena como sugere Silvia Rivera-Cusicanqui (2010) envolve relações intersubjetivas nas quais todos são sujeitos. Não há o centro que exige a abdicação da vontade, a monocultura, se não a riqueza infinita de particulares que se ligam por sua relação de território, de vínculo com a vida e contra a morte pelo esquecimento, como denuncia este trecho do texto que infere o maior medo ‘dos de cima’:

*Agora me diga: você acha que o pesadelo dos de cima é que sejam forçados a pedir perdão? Não será que sonham com coisas horríveis, que desapareçam, que não importem, que não sejam levados em consideração, que não sejam nada, que seu mundo desmorone sem fazer nenhum barulho, sem nada que lembre deles, que ergam estátuas, museus, canções,*

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581209-a-politica-e-imaginacao-entrevista-com-jacques-ranciere>> Acesso em julho de 2021.

---

<sup>18</sup> Gorros negros usados pelos integrantes do EZLN que deixam a mostra apenas os olhos.

feriados? Será que eles têm pânico desta realidade possível? (EZLN, 2020).

Porque se não herdarmos a vida, isto é, o caminho, então para que viveremos? (EZLN, 2020).

## A distância da porta

---

Partimos então para compreender o “tamanho da ousadia zapatista”: imagine-mos que a morte é uma porta que se cruza. Apesar das múltiplas especulações sobre o que há por detrás desta porta, como céu, limbo, o nada, não há conclusões. A vida portanto é o caminho que se faz até a porta. “A porta, a morte então, seria assim um ponto de chegada... ou uma interrupção, o impertinente corte da ausência ferindo o ar da vida” (EZLN, 2020) podendo ser alcançada com a violência da tortura, com um acidente, passagens dolorosas por doenças, cansaço ou até mesmo a possibilidade do desejo.

Nos povos originários, hoje Zapatistas, a morte era uma porta colocada quase no início da vida. As crianças a encontrariam antes dos cinco anos de idade e a atravessariam em meio a febres e diarreias. O que fizemos em 1º de janeiro de 1994, foi tentar afastar aquela porta. É claro que tínhamos que estar dispostos a passar por ela para assim fazê-lo, mesmo que não quiséssemos. Desde então, todos os nossos esforços têm sido, e ainda são, afastar essa porta o mais longe possível. «Prolongar a expectativa de vida», diriam os especialistas. Mas uma vida digna, acrescentamos. Afastá-la até que seja posta de lado, mas muito à frente do caminho. É por isso que dissemos no início da insurgência que para viver, morremos.

Afastar-se (muito) da porta da morte-projeto, de forma digna. Um forma que inclua a dança, a arte, a música, a comida, o *lekil kuslejal* - termo em *tzotzil* que designa o bem viver. “*La lucha por la vida no es una obsesión en los pueblos originarios. Es más bien... una vocación... y colectiva*”. Escreve SupGaleano no mesmo texto. A vida é uma herança da construção pensada na comunidade, enquanto a autonomia indígena é “uma maneira de desenhar outro tempo (o nosso) para deixar de sincronizarmos com o tempo do capitalismo (dinheiro). [...] A autonomia não significa autossuficiência, ninguém se completa em sua humanidade sozinho.” (ABCig, 2019, p.5). Alargar a distância até a porta envolve sobretudo em não estar sozinho, não se crer na completude e nem no universal que não contemple particulares.

O comunicado faz um chamado a coletividade e a escuta, criticando sobre como as redes sociais aparentemente podem contribuir para uma sensação de maior acesso a informações e maior proximidade porém nada contribuem para gerar uma capacidade de implicação coletiva sobre o mundo e sobre a relação com o outro.

## Considerações finais

---

Desde o início dos anos 80, enquanto se organizavam na clandestinidade, como pós 1994 quando vieram a público e até os

dias de hoje, os zapatistas estão numa constante construção que enxerga na prática as reais possibilidades de criar territórios livres de subordinação e da dominação imposta em suas terras e populações. Trajetória esta diretamente ligada não apenas no fazer artístico de sua literatura por exemplo, como também tendo no imaginário um promotor da experiência estética e política.

Diz Muniz Sodré (2016) que “Seres humanos são comunicantes não porque falam, mas porque se relacionam e organizam mediações simbólicas, de forma consciente ou inconsciente, em função de um comum a ser partilhado. A comunicação é questão de organizar, e não de falar”. A experiência da autonomia zapatista que prioriza a organização real e não apenas discursiva, revela sobretudo que sua luta é por serem enunciadores autônomos e contra-hegemônicos. O que suas tradicionais cartas e comunicados revelam é que, a escrita funciona como o exercício de um imaginário que se pratica no cotidiano e na vinculação com a alteridade.

A pandemia do Coronavírus por um lado implicou no fechamento dos centros e territórios autônomos zapatistas, visando a não propagação do vírus para proteção das comunidades locais, e por outro significou um momento de expansão do imaginário zapatista. Ir de encontro ao continente europeu e chamá-lo de Terra Insubmissa, procurando reconhecer as especificidades, fragilidades e populações marginalizadas dos lugares que um dia saíram os navios da empresa colonizadora, configura um gesto que recupera um sentido de humanidade. O sentido de construir ‘um mundo onde caibam todos os mundos’ zapatista se preocupa em alargar a experiência da vida,

a distância até a porta da morte, como um plano comum a todos inferiorizados pelo sistema.

A ação zapatista se encontra no processo de empoderamento territorial (Alkmin, 2015) como estratégia de enfrentamento aos avanços neoliberais contemporâneos, e também pode ser sentida no investimento de sua ação comunicativa. Se o importante da comunicação é organizar, juntar, mobilizar e não apenas dizer (Sodré, 2016), parece esta ser a atitude do EZLN. A palavra que não morre no esquecimento é a palavra que produz ações de vínculo, o que percebemos nos comunicados produzidos nos últimos meses de 2020 e nos primeiros meses de 2021.

Utilizando o afeto como recurso comunicativo, os zapatistas parecem recontar sua história não pela memória vinculada ao tempo passado, mas mirando um horizonte que amplia sua organização simbólica e material, ao acreditarem no poder da circulação de seus próprios enunciados. Afinal, diante de um profundo projeto de transformação política, faz-se necessário reunir apoios e aglutinar engajamentos. Sem se findarem na própria realidade regional os zapatistas sonham sonhos possíveis. Prova disso é a efetivação da Gira Zapatista que, com o apoio interno e externo, possibilita o intercâmbio e o fortalecimento de redes de luta que podem não ser exatamente as mesmas, como o texto trabalhado aqui coloca, mas possuem o denominador comum de buscarem atingir as estruturas engendradas pelo capital.

Consideradas documentos históricos, as cartas na empresa da colonização simbolizavam do toda pretensão europeia

do século XVI. Séculos depois as cartas de Lopez Obrador, que consideram o reconhecimento europeu suficiente para a reparação do irreparável, demonstram que ainda funcionam como forte e simbólico instrumento político. Contudo, há cartas sendo enviadas para além mares virtuais e mares físicos, cujos propósitos são ‘muito outros’. Cartas de uma ética da não-guerra, que enxergam na tentativa de conciliação sem a intenção de justiça uma acomodação neoliberal e multiculturalista, que afirmaria a pluralidade mas não entrega o poder do enunciado, não desarticula as estruturas da colonialidade. *“Vale. Salud y que no olvidemos que perdón y justicia no son lo mismo”* (EZLN, 2020).■

**[Figura 1]**  
Bordado Zapatista.



Imagem disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/12/31/segunda-parte-a-lanchonete/>

**[ JULIANA ESQUENAZI MUNIZ ]**

Mestranda no programa de pós-graduação de Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pertence ao grupo de estudos Opressões, Existências e Resistências do CELACC-USP. E-mail: [julianaemuniz@usp.br](mailto:julianaemuniz@usp.br)

## Referências

---

**El ABCig de la organización de los pueblos.** Publicação independente e coletiva. Ediciones del Espejo Somos. México, 2019.

ALKMIN, Fábio M. **Por uma geografia da autonomia:** a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México. São Paulo, 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BELLIDO PERIS, Federico. La identidad Neozapatista como proceso comunicativo. En: **Kamchatka: revista de análisis cultural**, 12 2018: 11-37.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

Carta del presidente López Obrador al rey de España, 25 de marzo de 2019. Disponível em: <<https://www.gob.mx/presidencia/documentos/carta-del-presidente-andres-manuel-lopez-obrador-a-felipe-vi-rey-de-espana>> Acesso em outubro de 2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem.** Editora Cosacnaify, 2002.

DUSSEL, Enrique. **1492:** el encobrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad. La Paz: Plural Ediciones, 1994.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **Aguerra é o espetáculo:** origens e transformações da estratégia do EZLN. 2003. 366 p.

FILHO, Alexander Hilsenbeck, & BRANCALEONE, Cassio. “O Caracol e a velha toupeira.” In **Anticapitalismo Y Sociabilidades Emergentes: Experiencias Y Horizontes En Latinoamérica Y El Caribe**, editado por López Erika Liliana López, Moreno Paola Andrea Vargas, Corredor Laura García, Fernández Blanca Soledad, e Becher Pablo Ariel, 201-34. Argentina: CLACSO, 2019.

GROSGUÉL, Ramón. Para um visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

POMA, Alice, GRAVANTE, Tomaaso. 25 años de movimiento zapatista: desde el desencanto a la digna rabia. in **Onteaiken - Boletín sobre Prácticas y Estudios de Acción Colectiva**



**no 27 - 25 años de movimiento zapatista: desde el desencanto a la digna rabia.** Córdoba, Argentina, 2019.

RANCIÈRE, Jaques. **'A política é imaginação'**. Entrevista com Jacques Rancière. entrevista por Melina Balcázar Moreno, publicada por Milenio, 14-07-2018. Disponível em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/-A-politica-e-imaginacao-Entrevista-com-Jacques-Ranciere/4/41080>> Acesso em agosto de 2021.

RANCIÈRE, Jaques. **'Rancière: a política tem sempre uma dimensão estética'**. Entrevista por Gabriela Longman e Diego Viana in Revista Cult , publicada em 30 de março de 2010. Disponível <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>> Acesso em agosto de 2021.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexion sobre prácticas y discursos descolonizadores.** 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** 1. ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

ZIBECHI, Raúl. **La emancipación como producción de vínculos.** en Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado. CLACSO, 2006.

### **Publicações e comunicados oficiais do EZLN**

EZLN. **Travessia por la vida:** a qué vamos. Junho de 2021. Disponível em <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2021/06/27/a-travessia-pela-vida-para-que-vamos/>> Acesso outubro 2021.

EZLN. **Quinta Parte:** la mirada y la distancia a la puerta. Outubro de 2020. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/quinta-parte-la-mirada-y-la-distancia-a-la-puerta/>> Acesso 28 dezembro 2020. Versão traduzida para o português disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/ezln-quinta-parte-o-olhar-e-a-distancia-da-porta/>> Acesso outubro de 2021.

### **Informações orais / Discursos gravados:**

QUIJANO, Aníbal. Conferencia inaugural no III Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales, Auditorio FLACSO en Ecuador, Quito, 25 de ago de 2015.

SODRÉ, Muniz. Palestra em comemoração aos 50 anos da Famecos com Muniz Sodré. Transmitida pela página Eu Sou Famecos PUCRS, 2016. Disponível em:<<https://youtu.be/eC5-RAKuNz8>> Acesso em setembro de 2021.

VILLORO, Juan. Conversatorio virtual La Esperanza es Zapatista. EZLN: hoy y mañana... Org de Cotric (Colectivo Transdisciplinario de Investigaciones Críticas).Disponível em:<<https://www.facebook.com/ColectivoCotric/videos/818994862252524>> Acesso em novembro de 2020.